

(aprendendo) Direitos Humanos
com Boletins do Fórum Intersindical

[Boletim Informativo nº 15, novembro 2016, Editorial]

Crise brasileira: a Saúde do Trabalhador vai pagar essa conta?

Se antes da crise atual - política, partidária, econômica, ética -, para ficarmos em algumas, já pouco se fazia em matéria de saúde do trabalhador, imaginemos agora. Desemprego crescente, aliado à cara de pau do poder econômico e político de propor a diminuição de direitos dos trabalhadores como solução da crise, é o estopim de uma crise social que nenhum de nós tem a menor ideia do rumo que irá tomar. De há muito ninguém se ilude mais, no Brasil, com as políticas públicas de promoção e proteção à saúde das pessoas que trabalham. O sopro de esperança de que as coisas poderiam mudar com a eleição de um Presidente da República, acidentado e mutilado no trabalho, foi se esvaindo pouco a pouco nos últimos governos brasileiros em todos os níveis federativos. Mesmo com a Constituição Federal determinando ao sistema de saúde a atribuição de fazer saúde do trabalhador e mesmo com a ocupação maciça de sindicatos e centrais sindicais, antes combativos na área da saúde, no aparelho de Estado brasileiro, as doenças, os acidentes e as mortes no trabalho não deixaram de cruzar o cotidiano dos trabalhadores de todos os tipos. Os números dramáticos de doença e morte no trabalho, tantas vezes demonstrados em boletins anteriores já não causam qualquer espanto. Se os governos nos três níveis de gestão do sistema de saúde já não propunham medidas efetivas no sentido de enfrentar o problema, imaginemos agora com a “falência” do Estado. “Falência” que os trabalhadores vão pagar com sua saúde e sua vida?

"E o pior cenário: diante da timidez da esquerda no enfrentamento da corrupção epidêmica, por beneficiar setores dessa mesma esquerda, grupelhos nazi-fascistas empunham a bandeira da moralidade clamando por intervenção militar."

A dilapidação do patrimônio público, a pilhagem do dinheiro dos trabalhadores pela classe política, aliada aos setores dito produtivos e ao sistema financeiro, são peças macabras de um país fora dos trilhos, desgovernado. E o pior cenário: diante da timidez da esquerda no enfrentamento da corrupção epidêmica, por beneficiar setores dessa mesma esquerda, grupelhos nazi-fascistas empunham a bandeira da moralidade clamando por intervenção militar. A qualificação da crítica passa pela qualificação da autocrítica. Nossa bandeira da saúde do trabalhador é, por origem, uma bandeira de luta da esquerda democrática, autêntica e sem conchavos com esquemas e maracutaias, em defesa da ética, contra a corrupção em todos os níveis, contra a pilhagem do sistema público, em defesa das políticas sociais e dos direitos humanos, trabalhistas e previdenciários. O momento atual nos lembra a filósofa Hannah Arendt quando disse: *“...a esquerda pensa que sou conservadora e os conservadores ... pensam que sou de esquerda... Não penso que as verdadeiras questões... receberão... esclarecimento dessa maneira.”* Todavia, o momento não é de pessimismo ou de desânimo. Os donos do poder, os apeados e os empossados, estão atônitos. É hora de arregaçar as mangas. De nossa trincheira da saúde pública e da saúde do trabalhador cabe-nos ampliar as alianças éticas com os (poucos) setores (para que sejamos muitos) que ainda sejam capazes de se indignar com o que já está aí e o que ainda pode vir por aí. Está na hora do Fórum Intersindical assumir um caráter mais potente de movimento. Se o mar não está p’ra peixe, vamos mudar nosso cardápio. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.